

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Publicações
Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados, a 5 reis a linha.
Repetições..... 20 rs. linha
Annuncios premanentes 5 *
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

O POVO D'OVAR

1891

Não nos deixou grandes saudades o anno findo.

Desde o seu começo vivemos sempre cheios de sobresaltos, apavorando-nos o espectro da guerra com uma das grandes potencias e isto quando o continente e as colonias estavam completamente desguarnecidas e o exercito desorganizado apesar das grandes sommas que com elle haviamos gasto todos os annos.

Ha precisamente um anno vergava o ministerio progressista ás exigencias manifestas da Inglaterra, procurando a conciliação atravez de tudo, sacrificando mesmo alguns territorios nossos e para afinal cahir dias depois perante um *ultimatum* brutal—o de 11 de janeiro.

Desde então o povo e os partidos tem vivido perfeitamente desorientados, concebendo esperanças em soluções razoaveis para em breve lhes succeder amarissimas desillusões: um e outros descuraram de todo a administração interna, porque perante o grande perigo do exterior, aquella era de somenos importancia.

O conflicto inglez que vem absorvendo ainda as intenções não deixa de fornecer a nota picaresca denunciadora de caracter reles e pelintra da nossa politica de empregados publicos:—foi a campanha dos especuladores partidarios contra a situação d'agosto, tendo por base o tratado de 24 d'aquelle mez.

Com tal facto se profelou em periodo verdadeiramente anormal, prejudicialissimo para os interesses da nação e que poderia e pode ainda conduzir-nos a uma bancarrota proxima.

*

E' assim que emquanto contractamos com os inglezes a solução do conflicto collocando-nos quasi na situação de pedintes vemos-nos obrigado a mandar uma expedição para a Africa para defender os nossos domínios dos ataques de uma simples companhia, gastando com ella muito dinheiro e fornecendo elementos para os nossos districtores nas praças estrangeiras poderem continuar na guerra ao nosso credito.

Por isso o nosso credito baixou d'um modo bem sensivel; e o governo, apesar de todos os seus bons desejos não pode levantar o ultimo emprestimo sem lhe hypothecar os rendimentos dos tabacos.

Tristissima situação a que nos legou o anno de 1890!

Até aqui temos usado e abusado do credito, levantando quasi

todos os annos emprestimos, dando o estado como unica garantia a sua firma e não lhe faltando uma só vez dinheiro: agora entram em scena os grandes banqueiros com as suas operações. Tomando conta dos nossos rendimentos, administrando-os, sendo emfim os tutores do estado e o povo nada mais do que um joguete nas suas mãos.

E' uma lição bem amarga a que agora soffremos. Devia ella produzir effeito, para que, por uma vez acabassemos com o banco esbanjar dos dinheiros publicos, como até agora imprevidentemente temos feito. E' tempo dos governantes transformarem o seu systema de administração e politica, reduzindo o numero dos pretendentes e afilhados aos empregos publicos.

Foi o nosso anno terrivel—o anno de 1890.

Ao menos que nós aprendamos para que o futuro anno nos seja mais propicio.

Na administração municipal não nos foi a desgraça tão cruel.

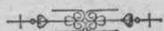
Gastaram as receitas do municipio. De que forma? ninguem o sabe, nem tão pouco os muito illustres vareadores se importam com isso.

Os contos de reis, que existiam em cofre, passaram para os meios de terceiros, sendo dotado o municipio com um melhoramento importante... a *bica da Graça* e com uma obra não menos importante o enlanbusamento com cal do Neptuno do charfariz—obras estas que passarão á posteridade os nomes dos benemeritos que tiveram o arrojo de as realizar por tão pequeno preço—alguns contos de reis.

Ninguem dirá por isso que a nossa vereação não cumpriu com o seu dever. Não mentiu ao seu programma, porque todos esperavam d'ella aquillo que ella fez.

O anno de 1891 verá os illustres vereadores occupados em resolver problemas da mesma transcendencia, projectando melhoramentos da igual importancia.

Porque.... a tal ponto desceu a administração municipal!



Novidades

Fogo na cadeia.—Contaram-nos que na terça-feira, um individuo preso nas cadeias d'esta villa se estava queixando amargamente de se lhe não ter dado a *santa* e por isso estar a morrer á fome. O homem passou dos queixumes á ameaça, e declarou positivamente que se lhe não dessem de comer, deitaria o fogo á cadeia.

A *santa* demorou-se e o preso effectivamente principiou a incendiar uma pouca de palha.

Acudiram logo socorros e o digno delegado do procurador regio foi immediatamente á cadeia para se inteirar do acontecido, mas quando lá chegou já nada havia.

Aqui acha-se mal organizado o serviço de dar a alimentação aos presos da cadeia, recebendo elles o dinheiro sempre muito tarde.

D'isto porém ninguem póde ser accusado.

As relações com o numero de presos e com os dias que cada homem está na prisão, só é enviada, para ser satisfeita, no fim do mez. De modo que o dinheiro chega só a 10 ou a 15 do mez seguinte aquillo em que a *santa* devia ser dada. Também não se póde exigir ao administrador do concelho ou aos empregados da secretaria que o abonem adiantadamente, porque não têm obrigação para tanto.

D'onde resulta que muitas vezes os presos não recebem o dinheiro que lhes é destinado.

Em outro tempo, por accordo com o governador civil, era arrematado o fornecimento em generos aos presos da cadeia.

Elles recebiam do arrematante almoço, jantar e ceia e o excedente do preço da arrematação. O arrematante abonava o dinheiro e no fim do mez recebia.

Agora talvez se podesse fazer tambem isto, acabando por uma vez com a scena que acima narámos e outras muitas, que alli se dão.

Como a maior parte das vezes os presos não recebem e ignoram a causa, imputam responsabilidades a quem as não tem.

Administração do concelho.—Quando o novo administrador do concelho tomou posse, suspendeu todos os empregados da administração, nomeando o sr. Angelo Zagallo de Lima para secretario interino e o sr. Manoel d'Oliveira Salvador para amanuense.

Estada.—Tem estado n'esta villa o nosso intelligente amigo e distincto poeta José d'Almeida.

Variola.—Vae se propagando muito na classe piscatoria a epidemia da variola.

Não nos consta que se tenham tomado quaesquer providencias.

A bica.—Na classe dos *me-lhoramentos* municipaes temos a notar no anno que acabou, apenas a formozza bica da Praça.

Em nenhum outro ponto a municipalidade deu signal de si.

E por isso mesmo foi que a bica embirrou e fez a pirraça de no anno do Senhor de 1890 não deitar agua alguma.

Honra e gloria aos illustres mordomos de tal confraria!

Desordem.—Domingo á noute e já hastante tarde bulhava-se valentemente ahi para os lados da rua das Figueiras. Dois pandegos quaesquer desancavam-se sem dó nem piedade. Evitavam os gritos provavelmente para não acordar a visinhança.

Não se poude saber quem elles eram, nem ao outro dia os desordeiros deram signal de si.

Lá as armam e lá as desarmam, santa gente!

Construcções.—Brevemente vão principiar no Caes da Ribeira as construcções de barcos varinos e fragatas.

Este anno, segundo nos consta, é maior o numero das construcções, animando-se por isso a industria dos calafates.

Estimamos deveras.

Tempo.—Ao tempo secco, frio do principio de semana succedeu a chuva que tão necessaria se havia tornado para as pastagens e hortaliças.

Por falta de pastagens o preço do gado bovino tinha descido muito, causando enorme prejuizo aos nossos lavradores, principalmente aos do nascente da villa e aos de Vallega, que se dedicam á engorda de gado para a exportação.

Com a vinda da chuva coincide a entrada do novo anno, o que nos faz prever maior abundancia. Mas em materia de previsão lá diz sempre o infallivel *Borda-d'Agua—Deus super omnia*.

Fallecimento.—Na semana passada falleceu a filha mais nova do sr. José Valente Frazão abastado negociante d'esta villa.

A toda a sua familia damos sentidos pesames.

Festividade.—Na quinta-feira, no logar da Ponte Nova, festejaram-se os santos Martyres de Marrocos.

Pela manhã houve missa solemne e procissão, e á tarde arraial.

O mau aspecto do dia e as muitas lamas affastaram do arraial o povo, que tanto gosta de concorrer a estas festas.

Espectaculo.—Na quinta-feira á noute foi o spectaculo da nossa *elitè* com o *Ermitão da serra de Cintra*, drama em cinco actos e uma comedia *Um marido em culças pardas*.

O theatro apresentava um aspecto alegre, festivo, com o seu adorno d'eras, colgaduras e flores. O *pschut* da sociedade varreira enfeitava os camarotes com os seus vestidos de cores variejadas, musicantes; e cá embaixo, na plateia e galerias burborinha-va todo um povo avido de ver em scena um drama que já havia feito as delicias dos nossos avós e tinha conquistado para os actores

d'essa epocha louros ainda não emurechecidos.

A's oito horas o pano subia no meio de um silencio sepulchral, que se coadernava perfeitamente com o fundo religioso da peça aberta por uma oração. E o acto decorreu assim e após este outro, sem que se podesse notar que no palco se moviam simples curiosos, parecendo antes os interpretes actores de profissão.

O dr. João Lopes sobresahiu no papel de Diogo. Surprehen-deu-nos que o seu genio alegre, despreocupado, de rapaz, se prestasse a um papel de cynico tão intelligentemente comprehendido quanto bem desempenhado. Interpretou bem todas as scenas, descuidando-se um quasi-nada na ultima scena do 5.º acto.

Eduardo Ferraz sempre correcto e muito bem no papel de centro. Na scena do 4.º acto com o dr. Lopes, quando ouve a accusação de conspirador, mostrou-se a toda a altura do difficultoso papel que lhe foi distribuido.

O dr. Antonio Sobreira, no papel d'Affonso, deu-nos um galan soberbo. O seu papel estava inçado de grandes difficuldades que só com bastante estudo e habilidade se podiam vencer. Venceu-as e conquistou os applausos do publico. A scena, em que mais impressão nos causou, foi a do 3.º acto quando se encontrou com o dr. Lopes na gruta insistindo no duello. Ahi traduziu d'uma maneira admiravel a impressão d'odio e ciume que animavam o typo, que reproduzia.

Ao dr. Amaral e a João Coelho foram distribuidos papeis insignificantes que foram correctamente desempenhados.

Francisco de Pinho interpretou regularmente o seu papel, não sendo este o genero que melhor lhe fica a caracter.

José Cunha tambem n'este drama não teve logo occasião para mostrar os seus recursos dramaticos. O seu papel só lhe forneceu occasião para sobresahir na scena do perdão do 4.º acto.

Na comedia, José Cunha, Sobreira e Lopes fizeram rir a bandieiras despregadas.

Dubini bem tanto no drama como na comedia.

Cumprimentamos os actores pelo bom desempenho e se elles merecem elogios, não os merece menos o exc.^{mo} sr. padre Francisco Marques da Silva, intelligente ensaiador e contra-regra que com as suas lições tanto contribuiu para o resultado obtido. Cultivou a intelligencia dos seus amigos—os actores de quinta-feira: e foi incansavel em aplannar-lhes as difficuldades com a sua muita experiencia do palco.

Por ultimo fazemos os nossos cumprimentos ao nosso amigo Simões Dias que se mostrou um habil scenographo, pintando com o auxilio de Antonio Augusto Freire de Liz o scenario da gruta. São dois amadores da scenographia, ainda muito novos,

mas de muita habilidade. Estudem e continuem, porque a primeira prova é de veras animadora.

A policia do espectáculo fez-se, como nos espectáculos anteriores.

Soberania do Povo.—

Entrou no 13.º anno de sua publicação este nosso distincto collega d'Agueda.

Os nossos parabens.

Fallecimento.—Falleceu na sexta-feira o sr. José Pinto da Cunha Teixeira, abastado capitalista da nossa villa, vindo ha pouco tempo do Brazil.

Entre outros legados deixou em testamento á capella da Senhora da Graça d'esta villa a quantia de 500\$000 reis e ao hospital a quantia de 2:000\$000 reis, moeda forte.

A vida de Paris—Refere o «Matin» em telegrama de Marselha, de 29, que houvera ali, n'aquella manhã, um duello á pistola entre um grande fidalgo austriaco ou hungaro,—talvez um diplomata parente do sr. Tisza—e o filho de um alto personagem parisiense.

O nobre estrangeiro recebeu uma bala no pescoço, que felizmente lhe foi já extrahida. Sua esposa, que não chegara a Marselha a tempo de impedir o duello, quando quiz entrar no aposento do ferido foi repelida pelas testemunhas d'elle, e teve de regressar de novo a Paris sem o ver.

O jornal de Marselha que primeiro fallou no misterioso duello affirma que as relações da esposa do ferido com o rapaz parisiense duravam desde cerca de um anno. Haviam começado em Vienna, e continuaram em Cannes e em Paris, até que o diplomata as descobriu.

Então foi ajustado o duello, á pistola, a quinze passos e apontando. Foram trocadas duas balas, uma das quaes alvejou o nobre estrangeiro no pescoço, como se disse.

Os exploradores de escandalos formaram conta do caso. E affirma-se que Paris tem dentro de pouco um divorcio á sensation.

Uma execução em Hespanha—Noticiam que a povoação hespanhola chamada Grandesa ia presenciar a execução do criminoso Andrés Monréal.

Pormenores:

Andrés dormiu até ás 3 horas da madrugada do dia 31 do mez findo, quando o accordaram para se confessar. Ouviu a missa e recebeu os ultimos sacramentos sem se levantar de cama.

Depois tornou a adormecer até ás seis da madrugada, hora em que se levantou. Até ás oito, conversou tranquillamente com os sacerdotes que o exhortavam a bem morrer. Durante a conversa sorriu-se por varias vezes.

Quando chegou ao patibulo, subiu com passo firme os degraus e conservou-se de pé, sobre o tablado, até que o carrasco o obrigou a sentar-se no banco fatal. Já sentado perguntou ao parochio de Fatarella, sua terra natal, e ao publico:

—«Perdoam-me?»

Ouviu se um prolongado sim preferido por algumas contenas de labios.

Em todo o caminho desde a

cadeia ao logar do supplicio, as mulheres choravam dizendo:

—«Pobre Andrés!»

Quando o verdugo apertou a golilha fatal, o condemnado ainda teve tempo para proferir as seguintes palavras:

—«Morro innocente!»

Ha a notar que nem ainda nos ultimos momentos o pulso do reu soffreu a menor alteração. Muitas vezes um enigmatico sorriso se lhe desenhou nos labios.

*

O crime que Andrés Monréal pagou com a vida foi cometido na pessoa de D. Rosa Serres, esposa do deputado provincial Vallo, que foi quem ordenou o barbaro homicidio.

Andrés contava desoito annos e meio quando, seduzido com fallazes promessas e instigado com ameaças de morte, se resolveu a tomar parte principal no drama que se desenrolou em Grandesa. Sem antecedentes criminosos, querido por toda a população pelo seu tracto carinhoso e affavel, ninguém podia suspeitar que aquelle adolescente fosse o desalmado assassino que n'um momento de fraquesa se prestou a servir de instrumento a pessoas mais interessadas no assumpto.

Eram tres os assassinos, mas apenas Andrés foi condemnado á morte.

Os cães.—O bello sentimento inglez! Em Londres, como se reconhecesse que o açaimo dos cães não fizera diminuir o numero de cães hidrofobos, que na cidade do nevoeiro foi e é enormissimo—e apenas servia para preservar as canellas dos pobres que andam a pé, resolveu-se superiormente que os donos d'esses animaes fossem dispensados de os trazer açaimados.

O decreto appareceu na folha official ingleza e vigora desde o primeiro d'este anno.

Parabens a *Fox*, parabens a *Black*, parabens a *Tom*!

Navio desarvorado.—

Noticiam da Aveiro:

Na manhã de hontem, quarta-feira, avistou-se, a algumas milhas ao mar e nas alturas do Moranzel, um navio de grande lotação, completamente desarvorado. Seguia na direcção N. N. O.

O africanista Silva

Porto.—Muitas das aggrmiações da cidade do Porto prepararam-se para prestar homenagem á memoria de Silva Porto, na recepção dos restos mortaes do heroico africanista.

Segundo consta, o Club Avintense resolveu incorporar-se no prestito e depôr uma corôa sobre o feretro de Silva Porto.

Na relojoaria David Ramos (rua de Santo Antonio) está o relógio que pertenceu ao valente africanista. O envulero tem o distico: «Ex.º sr. secretario geral do governo de Angola—Espolio de Silva Porto.»

O amor.—Em fins de 1887, o duque de Berlys encontrou em Monte-Carlo o general russo conde Poulerkof, casado com uma senhora nova e formosissima. Atraído por essa belleza, fez-se apresentar, e começou uma côrte assidua junto da moça condessa, que ingenuamente lhe declarou amal-o. Mas seu marido desposara-a pobre e de modesta

familia, e ella não lhe seria ingrata. O general era velho, esperasse o duque a morte d'elle e casariam depois.

Passados seis mezes, o duque de Berlys recebeu em Paris uma carta de Stolina, a condessa, participando-lhe a morte do marido, e, logo depois, chegava áquella cidade a formosa viuva. Em conclusão, findo o lucto effectuou-se o casamento.

Toda a alta sociedade admirou a belleza da sr.ª de Berlys, a sua amabilidade, e ella foi a leoa, a mulher da moda, durante certo tempo. Quasi subitamente, porém, ella entrou de entristecer, deixou de ir a bailes, a theatros, e cahiu n'uma sombria prostração que alarmou todos os que a conheciam.

O duque, então, desenvolveu todos os esforços possiveis, a fim de conhecer a causa d'aquella tristeza.

E obteve uma confissão horrorosa. Stolina, dominada pelo amor que e duque lhe inspirara, envenenara o velho general com uma infusão de folhas de ganciana.

Era o remorso que a opprimia.

O duque de Berlys, collocado no dilemma de viver uma vida infernal com a envenenadora, ou de a entregar aos tribunaes, saiu d'elle violentamente, suicidando-se.

O navio de João Orth

—Os pacs de João Orth (os grandes da Toscana) reclamam a importancia do seguro do navio que este commandava, e que hoje se considera como definitivamente perdido.

As grèves na Inglaterra

—A grève dos empregados dos caminhos de ferro escocizes terminou em Aberdeen; continua porém em Dundee e em Carlisle.

A circulação dos comboios está quasi restabelecida.

Telegrapham de Hull que os operarios das docas se pozeram em grève por causa da decisão tomada pelos armadores do só empregarem blacklegs (quer dizer, operarios não unionistas ou traidores aos seus syndicatos).

O pessoal das docas decidiu não trabalhar em navio algum que pertencesse á Federação dos armadores, excepto nos da companhia d'Edimburgo.

Morto em duello pelo pai

—Despachos de Gainsville, Texas, dão conta de que, em seguida uma questão a proposito de certa mulher, houve um duello em Paine's Valley, no territorio indiano, entre o senador Samuel Paul, da legislatura de Chickasaws, e seu filho Jæ.

O filho recebeu duas balas em pleno peito e o pai um ferimento muito grave na coxa. Aquelle morreu no mesmo dia do duello, mas, ás ultimas noticias, o senador estava em via de restabelecimento.

Samuel Paul é um indiano muito popular entre os Chickasaws. Como havia dado ainda ha pouco os passos necessarios para obter o titulo de cidadão dos Estados-Unidos, acha-se agora incurso nas leis penaes da federação.

Partiu já de Gainsville uma auctoridade incumbida de o prender. E elle será processado por assassino e julgado no tribunal d'aquella estado.

NATUREZA E DEUS

As rosas, filhas d'aurora,
Filhas da terra e dos céos,
Nascem d'um beijo de luz
Dado na face de Deus.

São tantas e tão diversas
No campo, jardim, dispersas,
Ostentam das coisas mansas
A pureza divinal:
Nascem alegres na moita,
Nascem no prado e no val?

São meigas filhas d'aurora;
Mas tambem as enamora
O pranto da noite escura!
Que importa que seja a noite,
Quando o vento as não açoite,
Que lhes dê nivea frescura?

A ardencia d'um sol intenso,
Morre na lagrima santa
D'um choro grato e bemdito,
Que nossa mãe — Natureza —
Cheia de viço e pureza
Transforma n'um jasmizito.

Bem hajas, ó Harmonia,
Concerto do Universo;
Bem hajas, luz feita amor
Por esse mundo disperso!

As rosas!... Ail! que harmonia,
Que lindas, que niveas são!...
Quem lhes daria a fragrancia
Que longe, mesmo a distancia,
Exalam na solidão?

Foi de certo essa Harmonia,
Concerto do Universo?
Foi essa luz, feita amor,
Por esse mundo disperso?

Alma solemne do mundo,
Mysterio grande da vida,
Quando penso em tua lida
Pela Terra e pelos céos,
Desejo, (loucura ardente),
Saber quem é mais potente:
Se és tu, se o proprio Deus!

Ovar, 2 de janeiro — 1891.

José d'Almeida.

Litteratura

AS UNHAS DO DIABO

O forasteiro curioso que, chegando a Ponte do Lima, indagar das curiosidades da villa, ouvirá mencionar entre ellas a das unhas do diabo, e, se tiver desejos de examinar a infernal maravilha, não perderá o tempo, tendo, para chegar ao sitio, de percorrer formosissimo caes, do qual irá gosando um dos mais encantadores panoramas de quantos tenha imaginado. Quando for caminhando absorto na contemplação do rio e da margem fronteira, dir-lhe-ha de repente o cieerone, apontando para uma lage da calçada: «E' esta, tenha cuidado, não a pize, que é de mau agoiro»; e verá então na pedra indicada umas concavidades, onde poderia ajustar-se uma grande mão direita.

*

**

N'uma tarde, ha muitos annos, dobravam os sinos da villa

corria de bocca em bocca a noticia de que se finára n'aquella dia um celebre escrivão; quem observasse o semblante dos que davam e ouviam a nova, facilmente se convenceria de que o homem não deixava saudades. Os grupos dos passeantes que áquella hora estanciavam pela ponte e alamedas visinhas, aproveitavam a occasião para lembrar historia de grandes maroteiras, que ennegreceram durante uma longa vida a fama do defunto, entre as quaes avultava a falsificação de documentos importantes, com que haviam sido lesadas muitas familias honestas. Nas ruas estreitas e humidas do interior da villa, o commemorando essas mesmas façanhas com exaggerações medonhas o soalheiro gritava de porta para porta, acompanhando tudo com terriveis pragas, que na bocca d'aquella gente bem denotavam certeza de que para a alma do escrivão não podiam valer suffragios.

Apezar de tantas maldições, e dos populares mais entendidos em questões de outra vida affirmarem nas lojas e nas praças, que os despojos do odiado morto

não deviam ser enterrados em sagrado, não havia remedio senão dar-lhes sepultura ecclesiastica, porque era certo que o fallecido morrera no gremio da igreja catholica, ao menos apparentemente Os frades franciscanos, que do seu convento de Santo Antonio apenas saiam para edificar a villa com a sua humildade, aproveitaram a occasião para com um novo exemplo de tão difficil virtude ensinarem os orgulhosos, que se esqueciam d'uma das mais piedosas obras de misericordia, e offereceram caridosamente a sua igreja para que n'ella dormisse o eterno somno o pobre do escrivão.

* * *

Ao cair da tarde do dia seguinte resavam os frades o officio de sepultura, e quatro legios, afastando o panno preto, que durante a cerimonia escondera a covadesceram pausadamente o cadaver, cobrindo-o com terra e tapando o depois com a pesada lage. Apagaram-se as tochas, fechou-se a igreja, e os frades, tristes e pensativos, encaminharam-se para as suas estreitas cellas.

* * *

A' meia noite em ponto foi toda a communitada acordada por tres fortes argolados, que bateram á portaria e foram resoando pelos claustros com desusado estrondo e demora.

Ergueu-se de salto o guardião como que impellidos por força estranha todos os frades se ergueram e saindo aos longos corredores olhavam-se amedrontados, parecendo adivinhar que alguma coisa extraordinaria se ia passar ali, e foram seguindo até á portaria onde o guardião perguntou para fóra quem era que a taes horas da noite bncava o convento.

Respondeu-lhe uma voz bem timbrada e firme:

Reuni-vos todos na igreja e abri-me as portas, que é ali que eu vos quero fallar. . .

As portas do templo, rangendo nos seus gonzos, abriram-se de par em par, e appareceu no limiar um vulto; tinha o olhar tão penetrante, que os frades, atonitos, mal poderam examinal-o, e só dois irmãos leigos, que respeitosa e se haviam afastado, observaram que o visitor nocturno era um gentil cavalheiro, tranjando vestes de gala, mas escondendo difficilmente nas dobras da capa uns pés muito semelhantes aos da cabra.

Houve um momento de silencio durante o qual pareceu aos dois observadores, que o desconhecido, estremecendo ligeiramente, hesitava em transpôr os humbraes da igreja; foi porém, instaneamente aquelle duvida, se a houve. Entrou, e com voz solemne ordenou ao guardião que fosse ao sacrario e trouxesse o vaso sagrado. Encaminhando-se logo para uma capellinha, que fica junto da entrada do lado do Evangelho, approximando-se da sepultura ha poucas horas encerrada, e cravando as unhas na campa, levantou-se sem esforço, arremessando-a para longe; agarrou a altura do peito o corpo amortalhado, que se erguera hirto, virou-o de braços, e, dando-lhe um grande murro nas cos-

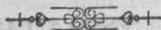
tas, fel-o lançar a particula no sagrado vaso, n'esse momento trazido pelo velho guardião, que obedecera ou como automato inconsciente, ou porque uma inspiração o houvesse obrigado.

Transmudou-se a figura do cavalheiro n'um vulto negro e terrivel, que, abraçando-se ao cadaver, e levando-o, saiu por janella, que se fez em estilhaços.

A communitade, prostrada diante do Santissimo, orava fervorosamente, mas os dois leigos curiosos, saindo do adro, puderam ver com assombro, que os dois corpos, unidos n'uma só peça informe, passaram, voando, por sobre a cerca e, tendo queimado um eypreste alto por que roçaram, se perderam no espaço.

Na madrugada seguinte o povo da villa reunia-se em volta da lage, que os frades haviam transportado de noite para o local onde está hoje, e commentava aterrado o estupendo caso.

G. P.



CORRESPONDENCIA

REGOA, 1 DE JANEIRO DE 1891

(Do nosso correspondente)

Começaremos a nossa desprezenciosa prosa, apeteendo aos nossos amaveis leitores muito boas e alegres festas d'annos, e que este lhes corra tam prospero e feliz como desejam.

E' este o nosso mais vivo anhelo.

Deixaremos por hoje ainda em descanso, o dorido costado do lazarento dr. dos 8 r r, que deve ter o lombo como o do cavallo de N. Tolentino, para nos occuparmos de um animal bravo, feroz, peçonhento, hydrophobo no ultimo grau, que no «Jornal do Douro» de hontem, vomitou toda a baba da raiva que o devora, que o consome, e o hade levar á sepultura que costumam ter os animaes da sua especie, mortos com a bola municipal.

O auctor da local—Pobre de espirito—na sua boçal e desconchavada rectorica, não responde nem contesta a mais minima cousa do que escrevemos; e, em lugar de engraxar as botas, cortar as unhas, pentear-se, lavar o rosto, despejar-se d'uma enorme camada de imundicie que o cobre, assim como os da sua laia; vem, saturado até á modula dos ossos, d'aquella massa com que os lavradores do Minho costumam salpicar as uvas á beira das estradas publicas, e de que certos bichos tambem costumam fazer umas bolas vociferando em calão de taverna, de cocheiro de praça, de gatuno porco, usado pelos fadistas do bairro de Alfama, nos lupanares das horizontaes pataqueiras, jogar-nos dos doestos immundos e porcos, mas que tem o merecimento de mostrarem a pessoa que os escreve ou que os inspira, a proposito do batalhão patriotico da Regoa.

E' tólo ou corre. . .

Alguem vio por ahi o batalhão patriotico da Regoa? alguem achou o batalhão patriotico? alguem conheceu os membros do batalhão? ha por ahi alguma crea-

tura que dê noticia do batalhão? Alguem terá no bolso das calças o batalhão patriotico? Terá morrido afogado no rio o batalhão patriotico da Regoa?

Ninguem sabe, nem viu, nem dá noticia de semelhante batalhão!

Pois foi realmente pena que uma *tam boa ideia* não fosse levada a effeito; ver-nos-hiamos livres de uma praga de matulas e de quebra-esquinas, que abundam por essa rua, tropeçando em toda a gente.

Por signal que alguns com o frio dos ultimos dias, como não *avezam* capote nem sobretudo, andam a bater o queixo, coitadinhos em quanto que, se fosse para a Africa derretiam lá o nariz com calór.

E' possivel que seudo recrutada *tam boa gente* para o batalhão patriotico, podessem lá prestar algum serviço, pois aqui, apenas são uteis no convivio dos mezes de batota e das tavernas pelo consumo que n'estas fazem.

O nosso pezar é realmente muito grande; sentimos immenso que tal ideia não vingasse.

Tomamos chá em pequenos e temos bastante delicadeza para não nos servirmos dos termos *ad hoc* convenientes que merecia a vossa classificação. Sentimos que o director do jornal consinta que uns estrequeiros quaesquer, vão defecar na sala da redacção.

Cortelho com elles sr. director!

Bem se vê que o porco biltre está tam ao facto da maneira como se discute e trata de questões na imprensa, como nós estamos de que se passa a esta hora na China.

Sempre lhe diremos grandissimo e alambandissimo suino, que o ramo está n'uma casa, mas que o vinho se vende n'outra. E, como isto, póde ir abaixo de Braga. . . ou como Tolentino.

•Vae misero suino lasarento.
«Pastar longas campinas livramente. . .»

*

—No dia 6 do corrente tem lugar na sala do tribunal judicial d'esta comarca, a eleição do jury commercial; d'este facto, desde já temos a honra de prevenir o meretissimo juiz de direito, de que uma grande succia de figurões, espalha já aos quatro ventos da publicidade que tem a eleição ganha.

Na lista dos votantes não foram incluidos grande numero de negociantes reconhecidissimos n'esta praça, naturalmente com o fim de aproveitar ao jogo dos taes figurões. Queira V. Ex.^a estar de atalaya com estes *cavatheiros* que querem fazer admitir á votação toda a casta de taberneiros, cortadores de carnes verdes, marchantes, padeiros de meia tijella, sapateiros remendões, e, até vendilhões de hortaliças!

Esta qualidade de *negociantes* não pódem por principio algum pertencer ao corpo commercial d'esta praça, sem quebra da sua dignidade, brio e pundonor. Nem se pódem sujeitar ás decisões de semelhantes homens, como eleitores ou como eleitos.

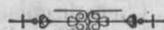
E' baixa, é ridicula semelhante pretensão.

Hade, n'este sentido, apparecerem numerosas representações, que, inquestionavelmente, V. Ex.^a tem de attender como fór-

de justiça, e outra cousa não é licito esperar da rectidão e caracter de V. Ex.^a

E' isto que a classe commercial ousa esperar fiada na justiça que lhe assiste.

Do resultado das eleições fallaremos detidamente, no proximo numero.



ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(2.^a publicação.)

No juizo de direito da comarca d'Ovar, e pelo cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de quarenta dias, a contar da segunda publicação do annuncio a este respeito no Diario do Governo, citando os interessados Josepha Clara de Jesus e marido Antonio de Oliveira Soares, ausentes nos Estados Unidos do Brazil, em parte incerta, e os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fóra da comarca, estes para deduzirem os seus direitos, e aquelles interessados para todos os termos do inventario de menores a que se procede por obito de Marianno Clara de Jesus, viuva, da rua dos Ferradores, d'esta villa.

Ovar, 15 de dezembro de 1890.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito
Salgado e Carneiro

O escrivão
Eduardo Elysio Ferraz de Abreu
(52)

Annuncios

VENDA DE CASA

Vende-se uma casa na rua da Oliveirinha que foi da Leoa com caminho de carro e de poço.

Quem pertender dirija-se á rua da Fonte a casa de Manoel Martins d'Oliveira Vaz.

OVAR.

O MARIDO

A melhor producção de
ÉMILIE RICHEBOURG
EDICÃO ILLUSTRADA COM CHROMOS E GRAVURA

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 réis

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato

representando o
PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO E SEU JARDIM

Com as margenes mede 60 por 73 centimetros.

Brindes a quem prescindir da commissão de 20 p. c. em 3, 10, 15, 20 e 40 assignaturas

Editores: BELEM & C.^a

Rna do Marechal Saldanha, — 29

LISBOA

A. A. SOARES DE PASSOS

POESIAS

7.^a edição revista, augmentada e precedida

d'um

ESBOÇO BIOGRAP

POR

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

1 vol. br... 300 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio

A' Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18, 19—Porto.

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVAZIO LOBATO

Romance de grande sensação, illustrado com magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcedivel regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 reis cada fasciculo, franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 reis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Literaria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184 Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cerqueira.

DRAMAS DO CASAMENTO

POR

XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO

DE

Julio de Magalhães

4 volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 REIS

A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Brinde a todos os assignantes

EDITORES—BELEM & C.^a
26, Rua do Marechal Saldanha,
26—LISBOA.

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

A avó, o romance mais bello de Émile Richebourg, deveria ter para os seus capitulos apenas os seguintes titulos:

Orgulho, maldição, arrependimento e remorso, expiação, avó, mãe e filha.

N'esta obra, commovedora pelas peripecias extraordinarias que a revestem, quasi toda a acção gira, com a duração tremenda de seculos, em turno dos tormentos d'uma fidalga em quem a soberba e o orgulho da sua origem suffocaram os sentimentos de mãe, para a deixarem mais tarde na solidão desconsolada e fria d'uma existencia despida dos carinhos que não são a meia vida dos velhos.

Mãe sem filha... avó sem neta... tal é a esmagadora synthese dos indescriveis pezares d'essa orgulhosa, só muito tarde santificada pelo arrependimento e pelas lagrimas—lagrimas terribes que farão vibrar de enternecimento todos os leitores de coração.

Não queremos antecipar-nos ao que a leitura d'esse estudo d'um coração de mulher reserva aos nossos assignantes, mas desde já podemos asseverar que no seu espirito ficarão gravadas recordações indeleveis suavizadas pelo desfecho sublime da avó.

Os editores Belem & C.^a de Lisboa, previnem os seus estimaveis assignantes, de que este bello romance, o mais interessante que sahio da penna de Richebourg, está sendo vertido para a nossa lingua, não do primitivo romance, mas sim da edição que agora viu a luz, augmentada com grande numero de capitulos novos, que lhe desenvolveram a acção, dando-lhe interesse sempre crescente, com uma nova parte extensa e admiravelmente bem engendrada, e com muitas gravuras e chromos, que juntos ao texto, o elucidam e lhe dão um relevo e colorido attrahentes.

Fique, pois, assente, e os nossos leitores terão occasião de o verificar, que a nova obra em nada se parece com a traducção já feita por um jornal de Lisboa, traducção executada sobre o joelho e resumida, o que representou uma córte lamentavel nas passagens mais importantes d'esse extraordinario romance.

Sairá em cadernetas semanais de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjuncto, as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em este n.º são 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

Nossa Senhora de Paris
por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehenentes, dn'uma linguagem primorosa, a sua leitura elevase no nosso espirito ás regiões sublime do bello e inunda de entusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o dxc.^{mo} snr. Gualdino de Campos, d a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado exaressadamente fabricar em uma das erimeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 4 volumes ou 18 fasciculos em 4.^o, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanais de 32 paginas, ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que adquirirem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sus conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISACÃO

Eduardo da Costa Santos, editor

4, Rua de Santo Ildefonso, 4
PORTO

LIVRARIA CHARDRON

A reproducção desleal, feito no livro BOHEMIA DO ESPIRITO editada pelo snr. Costa Santos, das obras abaixo mencionadas, prejudicando a sua venda, obriga esta casa editora e proprietaria a fazer uma grande reduccão nos preços das mesmas.

GRAND RABAIS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTA DE GUIA DE

CASADOS, por D.

Francisco M. de Mello

(Prefacio) Avulso 360—180 réis

A ESPADA D'ALE-

XANDRE... 240—120 »

LUIZ DE CAMÕES,

nota biographica av. 400—200

SENHORA RATTAZZI

1.^a edição..... av. 160—60 »

SENHORA RATTAZZI

2.^a edição..... av. 200—100 »

QUESTÃO DA SEBENTA (aliás

Bollas e Bullas:

Notas á Sebenta do dr.

TODA A COLLECCO 600 REIS

Todas estas obras forao vendidos

sem diversas epochas pelo auctor falcido Ernesto Chardron.

LUGAN GENELIOUX, successo-

res, Clerigos, 960—PORTO.

A C. Callisto.... av. 60—30 »

Notas ao folheto do dr.

A. C. Callisto.... av. 60—30 »

A Cavallaria da Saben-

ta..... av. 100—50 »

Segunda carga da ca-

vallaria..... av. 150—75 »

Carga terceira, tripli-

ca ao padre.... av. 150—75 »

O ESPETRO

Pamphleto hebdomedario

Publicação semanal

Depositos em Portugal

Livraria Civilisação,

rua de Santo Ildefonso, 12.

Em Lisboa, travessa de

Santa Justa, 65, 2.^o

ASSIGNATURA

Anno..... 2\$400

Semestre..... 1\$200

Trimestre..... 600

Mez..... 200

Avulso 50 réis

A' vendo em todas as liv-

rarias e kiosques.

Gazeta dos tribunaes
administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 me-

zes)..... 1\$200

Por duas series (um anno) 2\$400

Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem dão-se passagens gratuitas a individnos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio
de Janeiro e S. Paulo.

Os passageiros que embarcarem n'estas condicções não contraem divida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portuguesa, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de França e Hespanha.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribunaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SÁ

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL
ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco,
Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros
portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portuguesa, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, dão-se passagens gratuitas a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avô ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio
de Janeiro e S. Paulo